

Lembranças de Pedro Bala

Em uma noite, em frente ao trapiche, estava acontecendo uma briga. Das ruas próximas, era possível ouvir os gritos e ameaças.

– Atire! Atire agora! – Gritava um homem.

– Não, eu não consigo. – Gritava outro.

– Pode atirar se você for homem! Eu não me importo. – Gritou Pedro Bala. – E, de preferência, rápido, pois a viatura da polícia tá chegando!

A briga estava acontecendo por causa de um serviço pelo qual Pedro cobrava muito caro, mas não dera conta do trabalho.

De repente, o homem com o revólver tomou coragem e atirou. No momento em que o balaço estava indo em direção a Pedro, ele se lembrou do seu pai que morreria do mesmo jeito que ele possivelmente morreria.

Quando tinha apenas cinco anos, estava na Feira de São Joaquim, com seu pai, Antônio Jorge, que também era um bandido muito procurado, quando apareceram tiras e o ameaçaram.

– Jorgito! Se renda agora! Finalmente o achamos! Não vamos te deixar escapar!

– Papai, o que está acontecendo? – Indagou Pedro com muito medo.

– Meu filho, corra! Se esconda! Vá pra casa!

– Não, papai! Eu vou ficar para te proteger.

– Pedro, vá pra casa agora! – Gritou o pai muito preocupado.

Então o menino saiu correndo sentindo muito medo, tenso, chorando muito.

Quando alcançou uma barraca, lá se escondeu e viu o resto da briga do pai com o policial.

– Jorgito, mãos ao alto!

– Prefiro morrer! – Bradou Antônio Jorge.

– Não se preocupe com isso!

Logo após dizer isso, o homem disparou. Antônio Jorge caiu no chão morto e Pedro ficou sozinho no mundo, vagando pelas ruas de Salvador.

Surpreendentemente o balaço acertou outra pessoa, o tira que se aproximara da confusão sem ser percebido e que estava atrás de Pedro Bala, pronto para meter-lhe o cassetete.

– Ei! Você matou um policial! Corre! As outras viaturas já devem estar vindo. – Falou um dos homens.

Nesse exato momento, todos os três saíram correndo. Pedro entrou no trapiche para encontrar os capitães da areia e resolver o que fariam e os outros dois homens saíram correndo até hoje ninguém sabe para onde.

Beatriz e Henrique (8º ano em 2011)

O Roubo dos Chapéus

Sem-Pernas estava correndo. Ele não esperava que o guarda tivesse uma arma. Estava desesperado e sua perna coxa não o ajudava na fuga. Sem-Pernas caiu. O guarda se aproximava...

A tarde estava calma no Corredor da Vitória. Os Capitães da Areia se espalharam na rua Ilton Rodrigues. Dentre eles estavam Sem-Pernas, Pirulito, Professor, Volta Seca, Almiro, Barandão e Boa Vida. A festa do Mari-Mari estava começando. Havia muitas pessoas de chapéu indo para lá. Era o dia perfeito para se cumprir a missão que Gonzales do 14 havia designado para eles.

- Tu, Volta Seca, te esconde ali. - Falou Professor apontando para um beco.

Ele já havia planejado todo o roubo.

Todos permaneceram escondidos em becos até o final da festa. Quando alguém passava, eles roubavam os chapéus. Alguns homens nem notavam, pois estavam bêbados, mas os que notavam chamavam os guardas.

- Corre, Sem-Pernas, que o guarda tá vindo. – Avisou Pirulito aflito.

- Que nada – Falou Sem-Pernas com indiferença. – Guarda é só pá correr picula.

- Olha os gnomos! – Gritou Barandão utilizando o código para avisar que os guardas estavam chegando.

Todos correram, carregando as peças roubadas. Eles já conheciam todo o local e eram muito ágeis. No início, foi fácil fugir, mas depois os guardas chamaram os reforços que vieram armados. Nenhum dos meninos estava levando os guardas a sério até ouvirem um tiro. A bala quase atingiu a perna de Pirulito. O guarda errou por pouco.

Os capitães da Areia continuaram a fugir, porém, desta vez, sendo mais cautelosos. Ao perceber que Sem-Pernas era coxo, um policial o perseguiu por todo o Corredor da Vitória...

Sem-Pernas estava correndo. Ele não esperava que o guarda tivesse uma arma. Estava desesperado e sua perna coxa não o ajudava na fuga. O garoto caiu. O guarda se aproximava. De repente João Grande e Pedro Bala apareceram para o resgate. Pedro Bala foi distrair o guarda enquanto João Grande levava Sem-Pernas para longe. Todos fugiram com os chapéus. Chegaram a outro esconderijo, pois, se voltassem para o trapiche, os tiras poderiam descobrir a localização do esconderijo principal dos Capitães da Areia.

- Quando chegamos lá, não encontramos vocês e pensei que tinha alguma treta. Aí a gente veio verificar o que tinha acontecido. – Explicou Pedro Bala

- Sorte que ninguém se machucou. – Falou João Grande.

- Amanhã a gente volta pro trapiche. – disse Professor.

Os Capitães da Areia dormiram. No dia seguinte, voltaram para o trapiche.

Gonzales do 14 mandou alguém buscar os chapéus e, daquela vez, pagou muito bem.

Rafaela e Mateus (8º ano em 2011)

As luvas sagradas

Numa tarde de sábado, na pacata cidade de Taperoá, um dia ensolarado e com ar de felicidade, muitas pessoas estavam na rua. Mas, para ser mais exato, muitas pessoas estavam na fila da padaria esperando que os pães quentinhos do padeiro Emanuel estivessem prontos. A fila estava imensa, mas Emanuel e sua mulher, Maria, já estavam acostumados com isso, pois eles eram os melhores padeiros do Brasil. Mas, naquele dia, eles estavam muito mais felizes. Eles haviam completado a marca de trinta mil pães vendidos num só dia. Ao final daquela tarde, Emanuel e Maria fecharam a padaria.

-Emanuel, estou te esperando. Vamos ao bar, comemorar a marca! - Falou Maria, num tom alegre.

-Mas, meu bem, estou tão cansado. Minhas mãos doem de tanto amassar pão! -
Respondeu Emanuel num tom meio triste.

-A-GO-RA!- Maria gritou num tom ameaçador.

Está bem... – Respondeu Emanuel.

Emanuel e Maria entraram no carro deles, uma caminhonete Toyota preta com um adesivo “Pão é bom!Coma pão!” no fundo. Ao chegar ao bar, Emanuel pediu um refri, pois estava dirigindo e Maria pediu um Red Label. Eles beberam e comemoraram até a madrugada. Ao chegar à casa, Emanuel viu uma carta que o fez pular de alegria:

“Caro senhor Emanuel,

Convidamos o senhor, o melhor padeiro do Brasil, a vir para a I Conferência Mundial de Padeiros. No final da audiência, realizaremos um campeonato com um prêmio secreto. Ela acontecerá em 10/03/10.

Atenciosamente,

A confederação.

Lisboa, 31 de fevereiro de 2010”

Emanuel não pensou duas vezes. Correu para seu quarto, arrumou as malas e se preparou para a viagem. Um dia antes de a viagem acontecer, ele partiu de Taperoá para Lisboa. Lá, foi muito bem recebido. Ele e Maria se comunicariam por telefone, pois apenas Emanuel viajara.

Passado o primeiro dia, Emanuel foi para a conferência. O lugar onde as reuniões ocorreriam era um domo (um tipo de estádio em forma de bacia, se assim podemos dizer). O domo imitava o estilo dos antigos templos gregos. Por dentro, os bancos eram como de cinema. As paredes eram pretas e azuis escuras, para dar um tom mais formal ao local.

-Bem vindos! Meu nome é Luis e sou o organizador do evento. Pelo visto, todos vieram, hun?- Anunciou o organizador, com um tom e cara tão alegre que parecia que ele tinha prendido o largo sorriso com pregos. - Também servirei como o juiz do torneio.

E ele não estava brincando! Franceses, italianos, chineses, todos os melhores padeiros do mundo iriam competir contra Emanuel! Mas, na verdade, ele não sentia medo, e sim ansiedade, como todo grande sonhador sentiria. Logo, a conferência começou.

No final da reunião, já de noite, mais exatamente às 23h00min, os padeiros iriam embora.

-Lembrem-se: hospedem-se nos nossos hotéis! Amanhã, será o torneio! Apenas peguem os cartões do hotel desejado e ganharão três dias de graça!

-Ai meu deus... nem posso esperar pra amanhã...

Quando chegou ao hotel, Emanuel pegou o telefone e ligou para Maria:

-Querida, o torneio é amanhã!-Exclamou Emanuel.

-Meu bem, fica assim não... Você consegue! Confiança!- Falou Maria, confiante.

-Mas...?Mas...?- Emanuel disse, preocupado.

Depois de uma longa conversa, Emanuel ficou confiante. Logo ele foi ao domo, para esperar o início do torneio.

Num outro salão do estádio, era tudo do mesmo jeito, exceto que adicionaram um palco para os combates.

-E o campeonato está oficialmente... Aberto! – Falou Luiz, num tom intelectual.

Foram muitas partidas disputadas. Emanuel ganhou todas, mas, na penúltima, ele só ganhou pelo pão dele ser mais “diet”. Na última batalha, um padeiro italiano rancoroso e severo era seu último adversário.

-Bom... Agora, vamos revelar os prêmios! O que vencer, além de ganhar um cruzeiro de volta para casa, vai ganhar as luvas sagradas! – Luís mostrou as luvas. - Elas, se postas na mão de um padeiro, vão fazer pão dez vezes mais rápido e gostoso!

-Ai, preciso ganhar... – Disse Emanuel, com medo.

-Três... Dois... Um... Preparar!

Emanuel se mostrava mais cuidadoso, mas o outro padeiro era mais rápido e confiante. Enquanto Emanuel ainda diluía o fermento, o outro padeiro já estava esperando o pão descansar. Ao final, Emanuel estava mal. Ele não se sentia bem.

-Bom, vamos à soma dos pontos. O ponto para o critério “gosto” vai para...Emanuel!

Emanuel se sentiu feliz com o primeiro ponto. No final, ficou 4 a 3 para Emanuel.

-Parabéns, Emanuel!Você ganhou! – Luis entregou as luvas a Emanuel.

Enquanto ele as colocava, dizia:

-São leves!Gostasas!

Dois meses depois do cruzeiro, Emanuel e Maria estavam comemorando o recorde de três milhões de pães vendidos em um dia. Claro, as luvas os ajudaram, mas Emanuel sabia que, mesmo sem luvas, ele ainda era e sempre seria o melhor padeiro do mundo.

Lucas Leal (7º ano em 2010)

O rapto dos girassóis

“Cenário: (O cenário representa a horta do coronel. São vistos três pezinhos de planta. Girassóis. À frente da horta, uma cerca bem baixinha. Um espantalho. Uma árvore. Um banco na frente da árvore. Uma casa de cachorro no proscênio à direita.)

Primeira Cena: (É madrugada. Vê-se passar pela cena uma figura envolta numa capa preta, com um grande chapéu. (Os passos devem ser acompanhados do barulho de lixa raspando, reco-reco e pente de arame num tambor). Olha para todos os lados, penetra pela porteira da cerca, olha de novo para todos os lados, procura no chão, descobre o que queria, faz o gesto de arrancar, cobre o que arrancou com a capa, e pulando a cerca desaparece de cena, sempre escondendo o rosto. Pausa. Começa a clarear, ouve-se o galo cantar e passarinhos. O coronel entra assobiando alegremente, carregando ancinho e regador. Entra na horta, pára e grita.)

Coronel: Roubaram! Socorro! Socorro! Roubaram!”

Olga: (entra no palco e se dirige à horta.) Meu amor, o que está acontecendo aqui?

Coronel: (tremendo) Roubaram! Roubaram...

Olga: O que, homem? Desembucha logo!

Coronel: (ainda tremendo) Roubaram seus girassóis. (tampando os ouvidos)

Olga: (berrando) Ahhhhh! O quêêêê?! Os meus girassóis?! Nãããã!

Coronel: Ai, meus ouvidos! Mulher, para que esse escândalo todo? São só três girassóis!

Olga: (irritada) Só três girassóis? É porque não são seus três girassóis importados da França.

Coronel: (assustado) Caramba, mulher! Eu nunca vi você desse jeito. Quer um copo de água com açúcar?

Olga: (mais irritada) Homem, você pare de amolar e vá logo chamar o detetive Carlos José para ver quem fez essa barbaridade!

Coronel: Precisa de tanto, mulher?

Olga: (mais, mais irritada) Homem, vá logo chamar o detetive Carlos ou você dorme no sofá o resto de sua vida.

Coronel: (com medo) Ta bom, mulher, já estou indo na garagem, buscar o carro.
(O coronel sai do palco e fecha as cortinas)

Cenário 2: (Coronel dentro do carro. À direita, uma sala que representará o escritório do D. Carlos José e à esquerda, está a mulher na porta de casa. O carro vai para a direita.)

Olga: (satisfeita) Acho bom, e peça urgência ao seu Carlos José. (falando para o marido)

Coronel: (leva o carro para a direita, estaciona e entra na sala no consultório do D. Carlos José) Seu Carlos, seu Carlos...

Carlos José: (espantado) O que foi, homem?

Coronel: (abafado) Roubaram os girassóis de minha mulher, delegado!

Carlos José: (chateado) De novo? Já é a quarta vez que isso acontece. Acho que é a mesma pessoa que está fazendo esses roubos.

Coronel: (apressado) Então vamos investigar logo!

Carlos José: (rindo) Hoje é seu dia de sorte, coronel!

Coronel: (interrogativo) Por que, delegado?

Carlos José: Porque hoje nós descobrimos onde o maior suspeito mora. Vamos lá!
(Fecham-se as cortinas.)

Cenário 3: (Carlos José e o coronel entram dentro do carro. À direita, uma sala que representará a prisão e à esquerda, um quarto que representará a casa do ladrão. Eles vão para a esquerda e deixam o carro no canto do palco.)

Coronel: (quebrando a porta do quarto e entrando) Senhor, se renda e nos entregue os girassóis!

Carlos José: (confirmando) É! E se facilitar, terá uma pena menor.

Ladrão: (surpreso) Vão para o inferno! (tenta fugir)

Coronel: Volte aqui! (Agarra o ladrão e os dois começam a brigar.) Tome, seu ladrão miserável! (enfia uma faca na perna do ladrão que cai gemendo).

Carlos José: O senhor está preso em nome da lei dos girassóis, parágrafo 4, sessão 20.

Ladrão: (interrogativo) Isso existe, coronel?

Coronel: Não olhe para mim, não. Nunca ouvi isso na minha vida.

Carlos José: Isso não existe. Eu inventei para dar mais ênfase à minha fala, mas, do mesmo modo, o senhor está preso. (colocando as algemas no ladrão)

(Em seguida, os três entram no carro e seguem para a prisão, onde deixam o ladrão.)

(Fecham-se as cortinas)

Cenário 4: (Coronel e Carlos José dentro do carro. À direita, a casa do coronel e à esquerda, o escritório do D. Carlos José. Eles vão para a esquerda e Carlos José fica por lá.)

Coronel: (agradecido) Chegamos, obrigado por tudo!

Carlos José: Que nada! Esse é meu dever. Tchau!

Coronel: Tchau!

(O coronel segue para sua casa.)

Coronel: (feliz) Mulher, venha ver o que eu trouxe para você (com os girassóis na mão)

Olga: (surpresa e feliz) Ah, meu amor, obrigada! (Dá um beijo caloroso nele)

Daniel, Gabriel e Artur (7º ano em 2009)